

A LEITURA E SUA INSCRIÇÃO NA LITERATURA: VISITANDO A OBRA *COMO UM ROMANCE*, DE DANIEL PENNAC

Maria Elizabeth Sacchetto (CES/JF)¹

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

*A leitura, ressurreição de Lázaro, levanta a lápide das palavras.
George Perros (Echancrures)*

Em 1993, os leitores brasileiros receberam, como presente, a tradução de *Comme un roman*, escrito por Daniel Pennac², professor francês, cuja ampla experiência em educação, conferiu-lhe conhecimento para mudar paradigmas, lançando um novo olhar para o fenômeno da leitura, especialmente de textos literários. Em *Como um romance*, dentre as pertinentes considerações sobre esse complexo processo de produção de sentidos, apropriamo-nos de algumas – as que nos pareceram mais relevantes – para ressignificá-las neste texto.

Ler jamais pode ser uma imposição; entretanto é assim que, geralmente, a leitura se registra. Há os que lêem somente quando mandados: “Leia!” (PENNAC, 1993, p.13); há os que o fazem livremente, mas, às vezes, sofrem

¹ Doutoranda em Literatura Comparada (UFF); Mestre em Letras – Literatura Brasileira (CES/JF).

² Daniel Pennac nasceu em Casablanca, em 1944, e é hoje considerado um dos mais importantes e populares autores da literatura francesa. Os seus romances sobre a família Malaussène (**Au Bonheur des Ogres**, **La Fée Carabine**, **La Petite Marchande de Prose**, **Monsieur Malaussène** e **Aux Fruits de la Passion**) granjearam-lhe um enorme sucesso internacional, que conheceu também com **Como um romance**, um ensaio sobre a leitura que se transformou num livro de culto. **Mágoas da Escola** obteve o Prémio Renaudot em 2007, depois de ter estado mais de 50 semanas nos tops de vendas franceses. Traduzido em 24 países, vendeu, só em França, mais de 800 mil exemplares. Em 2008, Daniel Pennac obteve, pelo conjunto da sua obra, o Prémio Metropolis Bleu, anteriormente atribuído a escritores como Margaret Atwood, Carlos Fuentes, Paul Auster ou Norman Mailer. Disponível em: <<http://www.wook.pt/authors/detail/id/11698>> Acesso em: 18 mai. 2010.

censura por dedicarem muito tempo a essa prática: “- Mas pára de ler, olha só, você vai estragar a vista! – Sai, vai brincar um pouco, está fazendo um tempo tão bonito!” (PENNAC, 1993, p.15).

A inserção da leitura na vida das pessoas é um processo natural. As histórias contadas na infância, tempo em que ainda não se domina a habilidade de ler, preparam o caminho para essa incrível descoberta. Ao se experimentar tal vivência, passa-se a entender “a virtude paradoxal da leitura que é nos abstrair do mundo para lhe emprestar um sentido” (PENNAC, 1993, p.19).

Entretanto o encantamento experimentado no início desse encontro com a palavra escrita, vai, aos poucos, cedendo lugar a outros interesses e o mundo dos livros e da leitura perde o atrativo, torna-se desinteressante. A palavra escrita, não raro, é substituída pelo imediatismo da imagem, pela facilitação que o mundo imagético permite:

[...] tudo nos é dado num filme, nada é conquistado, tudo é mastigado, a imagem, o som, os cenários, a música ambiente, no caso de alguém não ter entendido a intenção do diretor... [...] - Na leitura é preciso imaginar tudo isso... A leitura é um ato de criação permanente (PENNAC, 1993, p.26).

O agravamento dessa realidade encontra-se no progresso atingido pela humanidade. O mundo moderno oferece prazeres diversificados que acabam por afastar as pessoas do contato com a leitura. Enquanto a tecnologia se expande e gera o conforto do menor esforço, a escola continua a pensar o mundo e a educação com os olhos voltados para o passado: “a aprendizagem aberrante da leitura, o anacronismo dos programas, a incompetência dos professores, a decadência dos prédios, a falta de bibliotecas” (PENNAC, 1993, p.30).

Contudo, não cabe somente à escola a responsabilidade dessa construção, que se efetiva na estimulação do desejo de aprender; no incentivo à busca de prazer; na recusa das cobranças e obrigações. À família compete assumir esse compromisso, promovendo as bases que alicerçarão o desenvolvimento dessa habilidade. A escola, a modernidade, mas também a família têm concorrido para essa desmotivação, para a perda da capacidade criativa da leitura. O papel da escola nessa formação é, sem dúvida, de

fundamental importância.

Quase sempre “o ler por si mesmo”³ (PENNAC, 1993, p.77) se constitui fora do âmbito escolar e isso pode ser justificado pela proposta de educação que se pretende na escola:

[...] Parece estabelecido por toda a eternidade, em todas as latitudes, que o prazer não deva figurar nos programas das escolas e o que o conhecimento não pode ser outra coisa senão fruto de um sofrimento bem comportado [...] A escola não pode ser uma escola do prazer, o qual pressupõe uma boa dose de gratuidade. Ela é uma fábrica necessária de saber que requer esforço. As matérias ensinadas são, ali, os instrumentos da consciência. Os professores encarregados dessas matérias são os iniciadores e não se pode exigir que eles proclamem a gratuidade da aprendizagem intelectual, quando tudo, absolutamente tudo na vida escolar [...] afirma a finalidade competitiva da instituição, ela mesma impulsionada pelo mercado de trabalho [...] Ler é algo que se aprende na escola. Gostar de ler... (PENNAC, 1993, p.78-79).

A leitura como fonte de prazer, como busca de respostas para questões pessoais, como fruição, como gratuidade, como um “delicioso trabalho de destilação” (PENNAC, 1993, p.82), e muito mais, constitui-se na interioridade de cada leitor, em seu silêncio particular, em sua solidão, sem que se dê satisfação dos sentidos alcançados. Essa leitura raramente é realizada na escola, porque a práxis vigente leva o professor a exigir a leitura e não a “partilhar sua própria felicidade de ler” (PENNAC, 1993, p.80).

Todos os atos de partilha que, no decorrer da vida, promovemos, manifestam-se como forma de amor: partilhamos o que julgamos bom, o que preferimos; com quem amamos, com quem preferimos e “esses partilhamentos povoam a invisível cidadela de nossa liberdade” (PENNAC, 1993, p.84). Nessa ótica, o “partilhamento” da leitura conduzirá a caminhos cujos percursos, já trilhados pelos que a partilham, abrir-se-ão a possibilidades de novas trilhas, de outros traçados e sempre nos falarão de outros, não apenas dos que produziram os textos, mas dos que neles se encontram inseridos; dos que a eles nos levaram; dos que conosco os partilharam, amorosa ou criticamente. Eis como, realmente, a leitura se insere efetivamente em nós.

³ Referência ao escritor Klaus Mann, filho de Thomas Mann, que, em sua autobiografia – **The Turning Point** –, descreve situações de leitura, mostrando como “se começa a ler por si mesmo”.

Partilhar a felicidade de ler e mediar o processo pelo gosto e pelo prazer da mediação, acreditando-se capaz de promover mudanças, talvez seja essa a perfeita estratégia:

[...] Todas as suas leituras eram como dádivas. Não nos pedia nada em troca. [...] não nos entregava a literatura num conta-gotas analítico, ele a servia a nós em copos transbordantes, generosamente... E nós compreendíamos tudo que ele nos lia. Nós o escutávamos. Nenhuma explicação do texto seria mais luminosa do que o som da sua voz quando ele antecipava a intenção do autor, acentuava um subentendido, revelava uma alusão... Ele tornava impossível o contra-senso [...] E nada de patrimônio cultural, de segredos sagrados grudados nas estrelas; com ele, os textos não caíam do céu, ele os apanhava na terra e nos oferecia para ler. Tudo estava ali, em torno de nós, fremente de vida [...] Nós tínhamos vontade de ler e pronto. Era tudo (CPENNAC, 1993, p.86-89).

A leitura suscita ideias, instiga, provoca, absorve. É necessário descobrir a forma adequada ou as técnicas para despertar-lhe os sentidos; vencer tanto as limitações do tempo destinado a ela – “a partir do momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque a vontade não está lá. Porque, se pensarmos bem, ninguém jamais tem tempo para ler. [...] A vida é um entrave permanente à leitura” (PENNAC, 1993, p.118) –, quanto o medo da incompreensão, da incapacidade de perceber-lhe a lógica, de entender a estrutura do texto, suas particularidades: “Ler, ler e ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai nascer e que vai puxar outra pergunta” (PENNAC, 1993, p. 121). É preciso buscar a alquimia perfeita entre o eu-leitor e o tu-autor. A grande questão é saber se oferecer “ou não à felicidade de ser leitor” (PENNAC, 1993, p.119).

Estabelecer o pacto de “não pedir nada em troca” (PENNAC, 1993, p.121) é condição que concorre para a efetividade da leitura. Revisitar a estratégia primeira – contar histórias - também é garantia de motivação: “não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar a farejar uma orgia de leitura” (PENNAC, 1993, p.124). E jamais submetê-la à regra do inquérito. Não se lê para se comentar sobre o que foi lido - “[...] o comentário reina absoluto, chegando ao ponto, com frequência, de nos esconder, longe da vista, o objeto comentado” (PENNAC, 1993, p.131). Os livros não são escritos com essa finalidade e “[...] a liberdade de escrever não saberia se

acomodar com o dever de ler” (PENNAC, 1993, p.145), ainda mais para prestar contas do que se leu.

Não se pode, em leitura, perder a dimensão de que falar de uma obra ou solicitar que dela se fale “não é um fim em si mesmo. O fim é a obra” (PENNAC, 1993, p.132). Ela deve estar ao alcance de todos que dela se valem para se apropriar de seus sentidos. Ao dessacralizá-la, a leitura se torna mais acessível.

Não se lê por obrigação moral, mas sim por “necessidade de livros” (PENNAC, 1993, p.145); ler é prazer e não dever; reler pode desfazer um julgamento crítico negativo, pode “nos encantar com a sensação de permanência” (PENNAC, 1993, p.153). Ler é livre escolha; às vezes escolhemos mal as leituras, mas elas nos abrem as portas para as boas: “Durante um certo tempo, lemos os bons e os maus, tudo junto [...] Então, um dia, [...] Insensivelmente, nossos desejos nos empurram a freqüentar os ‘bons’” (PENNAC, 1993, p.156).

Muitos são os caminhos que nos levam ao encontro dos livros, dos textos literários, de todas as outras possibilidades de leitura. Nem sempre paramos para pensar sobre o que realmente sustenta esse processo em sua essência; Pennac, entretanto, no final de seu **Como um romance**, de forma poética, acende-nos uma luz e nos instiga à reflexão:

O homem constrói casas porque está vivo, mas escreve livros porque se sabe mortal. Ele vive em grupo porque é gregário, mas lê porque se sabe só. Esta leitura é para ele uma companhia que não ocupa o lugar de qualquer outra, mas nenhuma outra companhia saberia substituir. Ela não lhe oferece qualquer explicação definitiva sobre seu destino, mas tece uma trama cerrada de convivências entre a vida e ele. Ínfimas e secretas convivências que falam da paradoxal felicidade de viver, enquanto elas mesmas deixam claro o trágico absurdo da vida. De tal forma que nossas razões para ler são tão estranhas quanto nossas razões para viver. E a ninguém é dado o poder de pedir contas dessa intimidade (PENNAC, 1993, p.167).

OBRA DE REFERÊNCIA

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.